

# NÃO É BRINCADEIRA: RELATOS DE VIOLÊNCIAS VELADAS E MANIFESTAS SOFRIDAS POR PROFESSORAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR<sup>1</sup>

*Alexia Fagundes de Lara<sup>2</sup>*

*Marcela Teixeira Godoy<sup>3</sup>*

## RESUMO

A presença e a participação feminina no ambiente universitário é um acontecimento recente, mas que hoje reflete avanços significativos. No entanto, ainda persistem desafios e obstáculos que atravessam a questão de gênero, afetando a experiência de ser e estar na universidade. Face ao referencial teórico, a presente pesquisa tem como objetivo geral identificar a presença e, se for o caso, mapear as diferentes formas de violência presentes no discurso das professoras de ensino superior. Como objetivos específicos: a) Revelar as principais condições as quais as professoras de ensino superior estão submetidas, considerando as diferentes violências sofridas; b) Demonstrar por meio dos dados o modus operandi cometidos contra as professoras de ensino superior. O posicionamento epistemológico adotado sustenta a integração entre teoria e dados, com uma análise crítica e interpretativa dos achados, conforme preconizado por Mainardes (2018). Os pressupostos teóricos baseiam-se nos estudos de Gayatri Spivak (2010) e Gerda Lerner (2019). A pesquisa foi conduzida em uma universidade pública no Paraná, utilizando entrevistas semiestruturadas com seis professoras de Ciências Biológicas da graduação. Os resultados indicam que a violência contra as professoras, não se limita as formas explícitas, engloba manifestações veladas, também revela a presença contínua de estruturas patriarcais, por meio de atitudes machistas, misóginas e estereotipadas. Entre outras considerações, o estudo aponta para a necessidade das instituições de

1 Este artigo é resultado de uma dissertação de mestrado financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A pesquisa aqui apresentada foi conduzida no âmbito do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

2 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, [alexiafagundesdelara@gmail.com](mailto:alexiafagundesdelara@gmail.com);

3 Professora Orientadora: Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina - UEL, [mtgodoy@uepg.br](mailto:mtgodoy@uepg.br)

ensino superior adotarem políticas de combate à violência de gênero, e a conscientização sobre o impacto do machismo no ambiente universitário.

**Palavras-chave:** : Assédio moral, Assédio sexual, Violência de gênero, Professoras de ensino superior.

## INTRODUÇÃO

**H**istoricamente, as instituições de ensino superior, refletem práticas, estruturas e culturas arraigadas ao patriarcado. A herança desse sistema, se traduz em desigualdades de gênero, promovendo barreiras para ascensão das mulheres no ambiente acadêmico. Por muito tempo percepções equivocadas, mitos e violências foram repercutidos acerca da capacidade das mulheres.

Cotidianamente as mulheres sofrem violências, sejam elas explícitas ou implícitas, um recorte acerca dessa realidade diz respeito a desigualdade de gênero legitimada por meio de instituições políticas, econômicas, sociais e/ou no âmbito familiar. Tratando-se de um produto histórico, as relações de gênero patriarcais foram incorporadas à nossa civilização como um sistema de dominação descrito desde o período colonial (DEL PRIORE, 2014).

Del Priore (2014), fornece informações sobre as mulheres que foram submetidas à escravidão, destacando que enfrentaram as violências inerentes às relações sociais predominantes, forçadas a trabalhar sob condições desumanas, sujeitas a sofrimentos físicos e mentais, além de serem vítimas de abuso sexual por parte dos chamados “patrões”, que as tinham como propriedade. Apesar de terem ocorrido algumas mudanças, não houve uma superação completa. Atualmente, as mulheres não apenas enfrentam as opressões da época passada, mas também são vítimas de outras formas de violência, que persistem em sua maioria de maneira complexa e multifacetada. Tendo em vista que a problemática da violência sexual no Brasil só começou a ser reconhecida como uma preocupação pelos defensores dos direitos humanos a partir da década de 1980 (AZEVEDO; GUERRA, 1995), a violência sexual se apresenta como uma das formas mais antigas formas de violência de gênero, ultrapassando barreiras culturais e sociais, afetando pessoas de ambos os sexos e de todas as faixas etárias, sendo as mulheres as principais vítimas (RAIMONDO, 2015). Os casos de violência sexual revelam um sério problema de saúde pública, embora ainda sejam subnotificados. A consciência sobre os impactos é essencial para que medidas eficazes sejam tomadas para redução dos casos.

Sabe-se que a problemática da violência de gênero reforça a posição subalterna das mulheres em diversos âmbitos, como o econômico, político, social, cultural, educacional, entre tantas outras categorias (SPIVAK, 2018). Ao reconhecer essa questão, torna-se evidente a contínua perpetuação do sistema patriarcal na sociedade contemporânea, sendo urgente discussões acerca das condições de vida das mulheres.

As margens de uma sociedade, machista, opressora e misógina, é necessário entender as particularidades que envolvem a questão do poder, a construção do corpo enquanto condição sexuada configurando normas de visão e divisão sexualizante de valores. (BOURDIEU, 2003). Assim, por meio do contexto histórico, serão discutidas questões que sustentam as interações entre poder, violência e gênero, visto que vivemos sob a perpetuação de uma dominação patriarcal que produz vulnerabilidades e subordina as mulheres.

Considerando os apontamentos supracitados, e acerca da existência de distintas práticas discursivas que as relações de poder incidem sobre o corpo da mulher, a questão problemática da pesquisa é: Quais são as violências que as professoras de ensino superior vivenciam e/ou enfrentam no ambiente acadêmico? Face ao referencial teórico a pesquisa tem como objetivo geral identificar a presença e, se for o caso, mapear as diferentes formas de violência presentes no discurso das professoras de ensino superior. A partir da principal questão problemática da pesquisa, foram desencadeadas outras questões norteadoras, na busca de responder tais questões, apontam-se os seguintes objetivos específicos: a) Revelar as principais condições as quais as professoras de ensino superior estão submetidas, considerando as diferentes violências sofridas; e b) Demonstrar por meio dos dados o *modus operandi* cometidos contra as professoras de ensino superior. Nosso posicionamento epistemológico será o crítico analítico partindo da visão de Mainardes (2018), uma vez que, será apresentada a integração entre teoria e dados, bem como uma análise crítica e interpretativa dos achados de pesquisa. Em se tratando dos pressupostos teóricos utilizados, não há a intenção de engajamento exclusivo com uma única autora, uma vez que o escopo da violência contra as mulheres abrange contribuições de diferentes referenciais feministas que tratem das questões das diversas violências. Entendemos que, para esse trabalho, os ganhos com a utilização dos estudos decorrentes das leituras sobre várias estudosas, são maiores que as possíveis perdas decorrentes do engajamento a apenas uma teórica.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa são de natureza qualitativa, exploratória e descritiva (GIL, 2009; FLICK, 2009). A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada com seis professoras do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma Universidade Pública do estado do Paraná.

Moreira (2003) em seus estudos emprega o termo de consciência semântica, isso significa que trabalha-se com a história que se traz, ou seja, enquanto pesquisadores não estamos separados da pessoa que produz determinada pesquisa.

Desse modo, o posicionamento, enfoque e perspectivas, refletirão, em alguma medida, a visão sobre o mundo.

Finalmente, conduzir pesquisas com a temática feminista é crucial para que sejam compreendidas as opressões que ainda atravessam o gênero, evidenciar as diversas experiências vivenciadas pelas mulheres ao longo da história que marcam o corpo e a sexualidade, assim como, movimentar estratégias para desconstruir determinados conhecimentos instaurados nas epistemologias.

## METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos da pesquisa são de natureza qualitativa, exploratória e descritiva (GIL, 2009; FLICK, 2009). A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista semiestruturada com seis professoras do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma Universidade Pública do estado do Paraná.

**Participantes:** A amostra foi composta por 6 professoras do departamento de Biologia Geral. Na ocasião foram contatadas 15 professoras, das quais apenas 8 responderam aceitar participar, porém apenas 6 mantiveram o contato para entrevista. A faixa etária das participantes revela uma amplitude considerável, abrangendo idades entre 35 e 60 anos, com média de idade, calculada em 48 anos.

**Instrumentos:** Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, cujo roteiro foi elaborado para abordar aspectos específicos relacionados ao contexto e à segurança das docentes. A entrevista foi dividida por temáticas, cada uma direcionada para áreas específicas de investigação. Na primeira parte, foram apresentadas questões que visavam contextualizar as participantes, abrangendo informações como idade, identidade de gênero, orientação sexual e cor/raça. A próxima etapa concentrou-se nas questões relacionadas à segurança das docentes. A terceira etapa da entrevista foi dedicada à obtenção de dados específicos relacionados às experiências das docentes com violências, abordando diferentes dimensões e contextos. Além disso, foram indagadas sobre a possível coação em atividades de pesquisa e se já sofreram agressões obscenas. Na sequência, foram apresentados quatro termos relacionados a comportamentos machistas: *gaslighting*, *mansplaining*, *maninterrupting* e *bropropriating*. Após explicação sobre cada termo, questionou-se se as docentes já se viram em alguma dessas situações e, em caso afirmativo, em quais ambientes essas ocorrências se deram. A entrevista prosseguiu com a análise da influência dos estereótipos de gênero na sociedade e sua relação com casos de violência, buscando compreender a perspectiva das professoras sobre a ligação entre esses estereótipos e a manifestação

de situações violentas. Questões subsequentes exploraram situações específicas de críticas relacionadas ao trabalho acadêmico, tais como supervisão excessiva e humilhação, visando evidenciar se as docentes já enfrentaram tratamento injusto ou discriminatório no contexto universitário. Por fim, foi proporcionado um espaço para que as docentes compartilhassem ou colocassem questões adicionais sobre o tema, promovendo uma abordagem inclusiva e dando voz às experiências e reflexões individuais das participantes.

**Procedimentos:** o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética e recebeu aprovação sob o parecer nº. 6.155.709 de 30/06/2023. As docentes foram contatadas via e-mail, e as que aceitaram participar da entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE.

**Análise de dados:** A análise dos dados foi realizada conforme os princípios da análise textual discursiva, uma abordagem que incorpora elementos da análise de conteúdo e da análise de discurso (MORAES; GALIAZZI, 2006). Essa metodologia permite uma compreensão aprofundada e contextualizada das informações coletadas durante as entrevistas, indo além da mera categorização de conteúdos para explorar as nuances e os significados subjacentes aos discursos das docentes participantes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Na contemporaneidade, a divisão de espaços na academia entre homens e mulheres ainda permanece notavelmente distinta, relevando um status de poder entre os gêneros. Essa desigualdade não apenas reflete as complexas estruturas sociais subjacentes, mas também ressalta a urgente demanda por medidas que visem à promoção da igualdade de gênero e da equidade neste espaço. Considerando este contexto, as experiências vividas nas universidades emergem como uma temática relevante, uma vez que trata-se de um reflexo sobre as condições de como são organizadas e desenvolvidas as atividades nesse ambiente. É fundamental analisar de que forma homens e mulheres ocupam e interagem nos diversos campos do conhecimento acadêmico, identificando barreiras e oportunidades que possam contribuir para a promoção de uma maior igualdade de gênero no meio acadêmico.

Em um plano temporal, encontrou-se o estudo pioneiro denominado *The harassed worker* realizado em 1976 pelo psiquiatra Carrol Brodsky, sua pesquisa trouxe à tona as violências que ocorrem diretamente no ambiente de trabalho. Já em estudos mais recentes como o de Caran (*et al.*, 2010), *Assédio moral nas instituições de ensino superior: um estudo sobre as condições organizacionais que favorecem*

*sua ocorrência*, é possível observar que as investigações relacionadas ao assédio são mais específicas e direcionadas para um determinado objeto de estudo.

A área acadêmica, é um ambiente rodeado de provações, pois exige-se considerável esforço para ser possível atingir determinados cargos, bem como atuar em algumas áreas de pesquisas. Tendo em vista fatores econômicos, culturais, emocionais, sobretudo ligados a concorrência, muitas pessoas apresentam condutas inadequadas, refletindo em casos de assédio moral no interior da universidade, assim como também ocorrem casos de assédio sexual, mas estes envolvem outras condições.

No que diz respeito a certos aspectos das violências, Rebecca Solnit (2017) nos oferece determinados termos para descrever algumas das violências que as mulheres enfrentam diariamente. A autora destaca as histórias por trás das mulheres que foram negligenciadas em relação às suas realizações, aborda os abusos de poder que ocorrem em campus universitários e discute a cultura que silencia e fortalece o patriarcado. No livro *Os homens explicam tudo para mim* (2017), da referida autora, é criado e tem notoriedade o termo *mansplaning*, a partir da união de *man* (homem) e *explain* (explicar), é utilizado para descrever a atitude de um homem dedicar seu tempo para explicar algo óbvio para uma mulher, assumindo que ela não compreende o assunto. Relacionando o termo com atitudes semelhantes que ocorrem no ambiente acadêmico, *mansplaning* pode se manifestar em situações em que pesquisadoras são subestimadas ou desvalorizadas por seus colegas masculinos, podendo ocorrer em reuniões, conferências e discussões acadêmicas, onde suas contribuições são diminuídas, questionadas ou ignoradas.

Em consonância, outros termos também surgiram, serão destacados abaixo de acordo com as informações presentes no Glossário Antimachista (2021, p.22). *Maninterrupting*, é uma junção de *man* (homem) e *interrupting* (interrupção), a tradução significa “homens que interrompem”, é um comportamento onde uma mulher não consegue concluir sua frase, pois é constantemente interrompida por homens que estão a sua volta. “O termo ficou conhecido após um estudo realizado pela Universidade de Yale, o qual concluiu que as senadoras americanas se pronunciam menos do que seus colegas homens de posições inferiores”. No ambiente acadêmico pode-se dizer que acontece principalmente como uma forma de silenciar as vozes das pesquisadoras e acadêmicas, uma vez que, diminui a visibilidade e influência das mulheres, afetando negativamente a qualidade de pesquisas e a diversidade de perspectivas.

No que diz respeito a situações onde ocorrem a apropriação de ideias e conhecimentos, *bropropriating* é um termo com a junção de *bro* (brother, irmão) e *appropriating* (apropriação), se refere a quando um homem se apropria da ideia

de uma mulher e leva os créditos por ela, acontece principalmente no ambiente acadêmico, trabalho e no dia a dia, prejudica a progressão de carreira das pesquisadoras. (GLOSSÁRIO ANTIMACHISTA, 2021).

*Gaslighting*, refere-se a violência psicológica, uma maneira de fazer com que as mulheres duvidem de suas percepções, raciocínio e sanidade, ou seja, remete a sensação de que a mulher é incapaz de realizar algo. As pesquisadoras podem ser alvo de *gaslighting*, quando questionam sua competência e, por consequência sua capacidade de avançar na carreira acadêmica. (GLOSSÁRIO ANTIMACHISTA, 2021).

Articulando os quatro conceitos acima com a pesquisa, destaca-se a sua relação com as dinâmicas de gênero e poder que ocorrem na academia que muitas vezes são desprezadas e contribuem para a manutenção do *status quo*<sup>4</sup>. Esses comportamentos colaboram para a marginalização e o silenciamento de mulheres, muitas vezes minando a autoconfiança e inibindo a participação plena das mulheres na produção de conhecimento. A negligência dessas dinâmicas reforça uma cultura acadêmica que favorece predominantemente indivíduos do sexo masculino, perpetuando um ciclo de desigualdade de gênero.

Segundo Scott (1995), o gênero é um componente fundamental na formação das relações sociais, baseando-se nas distinções sexuais entre homens e mulheres. Além disso, representa um elemento que confere significado às dinâmicas de poder por meio de construções culturais.

A desigualdade de gênero, como fenômeno social, se revela nas interações cotidianas, estabelecendo uma dinâmica na qual alguns indivíduos ocupam posições de poder, enquanto outros são subjugados, perpetuando assim as disparidades de gênero na sociedade. As relações de poder, resultantes da construção social de papéis de gênero, persistem e são frequentemente reproduzidas de maneira sutil, têm influenciado e continuam a influenciar as interações humanas, contribuindo para a manutenção da desigualdade de gênero. (CARVALHO; FERREIRA; SANTOS, 2010). Ultrapassando as interações sociais, a desigualdade de gênero assume formas mais insidiosas, como a violência de gênero. Conforme destacado por Saffioti (2001), essa modalidade de violência engloba a prática de atos que prejudicam uma pessoa com base em sua identidade de gênero, causando danos físicos, sexuais, psicológicos ou econômicos.

Cunha (2014) argumenta que o conceito de gênero como uma construção social que define os papéis do ser homem e do ser mulher desempenha um papel

---

4 *Status quo*: é uma expressão em latim que significa “estado atual”. Portanto, corresponde à configuração presente de uma situação e indica a manutenção das condições observadas. Disponível em: <https://www.btgpactual.com/advisors/insights/status-quo>. Acesso em: 19 out. 2023.

fundamental na sociedade, uma vez que está intrinsecamente ligado à divisão social do trabalho, que por sua vez influencia a divisão sexual do trabalho. Dentro desse contexto, o patriarcado instaura uma dinâmica de poder que se caracteriza pela presença de uma relação de dominação e subordinação. Essa configuração representa uma interação social na qual há a presença de um sujeito exercendo domínio sobre outro.

Ao compreender a estreita relação entre gênero e casos de assédio, é imperativo a reflexão acerca da construção histórica de uma dominação masculina que permeia as diversas esferas da sociedade. Nesse sentido, as discussões envolvendo as temáticas de gênero e sexualidade no ambiente educacional não apenas evidenciam alguns aspectos da desigualdade, mas também capacitam as pessoas a desafiar e transformar as normas que a sustentam. Buscar a equidade de gênero requer esforços coletivos que vão além da conscientização sobre o assédio, abrangendo uma transformação nas estruturas sociais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, optou-se pela metodologia de análise textual discursiva (ATD) conforme os princípios de Moraes e Galiazzi (2006). O quadro a seguir inclui um recorte do material extraído de todas as entrevistas, desde a professora 1 (P1) até a professora 6 (P6), apresenta uma estrutura organizada para a análise e compreensão do conteúdo da entrevista sob a perspectiva da ATD. Esse método visa identificar padrões e significados subjacentes nas informações coletadas, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos elementos discursivos e das nuances presentes na narrativa dos sujeitos. (MORAES; GALIAZZI, 2011).

Considerando o extenso material textual da pesquisa, o quadro a seguir emerge a partir de quadros subjacentes de cada entrevistada, reconheceu-se a importância de consolidar os elementos comuns presentes nas categorias iniciais, visando aprofundar a compreensão do fenômeno investigado. Desta forma, neste quadro foram delineadas sete categorias finais as quais foram denominadas de maneira a refletir o conceito abordado por todas as unidades de significado nelas contidas, destacando os principais aspectos emergentes, e mantendo o conjunto como referência.

**Quadro 1:** Categorização final e agrupamento de semelhanças temáticas e contextuais.

<b>Categorias Finais</b>	<b>Categorias agrupadas</b>	<b>Descrição</b>
Violência de gênero e suas manifestações	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assédio sexual</li> <li>- Violência psicológica</li> <li>- Assédio moral</li> <li>- Violência em função da maternidade</li> <li>- Manterrupting</li> <li>- Gaslighting</li> <li>- Sexismo</li> <li>- Estereótipos de gênero</li> <li>- Bropropriating</li> <li>- Desigualdade de gênero</li> <li>- Violência Institucional</li> </ul>	Inclui formas de violência, desrespeito e ironias relacionadas ao gênero.
Assédio Moral e Subcategorias	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assédio moral na academia</li> <li>- Impacto do assédio moral em professoras que são mães</li> </ul>	Compreende a prática de assédio moral na academia e o impacto específico em professoras mães.
Desigualdade de Gênero	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferença de Tratamento entre Homens e Mulheres</li> <li>- Inferiorização da mulher no ambiente de trabalho</li> <li>- Discriminação de gênero - exclusão de mulheres em atividades de campo</li> <li>- Estigma e discriminação por gravidez</li> <li>- Assédio sexual (persistência e desvio profissional)</li> <li>- Pressões de gênero (maternidade)</li> <li>- Machismo e estereótipo</li> <li>- Cultura Misógina</li> <li>- Resistência à liderança feminina no ambiente acadêmico</li> </ul>	Aborda disparidades no tratamento entre homens e mulheres em diversos contextos acadêmicos.
Atitudes machistas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mansplaining</li> <li>- Bropropriating</li> <li>- Gaslighting</li> <li>- Sexismo</li> </ul>	Engloba situações de mansplaining, bropropriating, gaslighting e sexismo.
Desafios na Maternidade e Carreira Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sobrecarga feminina</li> <li>- Desigualdades na valorização de tempos e espaços</li> <li>- Pressões de gênero na maternidade e carreira acadêmica</li> <li>- Desafios da maternidade no ambiente acadêmico</li> </ul>	Explora as dificuldades enfrentadas por mulheres ao conciliar a maternidade e carreira acadêmica.
Violência Institucional e Subcategorias	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Assédio moral</li> <li>- Abuso de poder</li> </ul>	Incluir assédio moral e abuso de poder dentro da instituição acadêmica.

Categorias Finais	Categorias agrupadas	Descrição
Impacto na Produção Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sobrecarga feminina</li> <li>- Desigualdade de gênero</li> </ul>	Efeitos de sobrecarga feminina e desigualdade de gênero na produção acadêmica.

**Fonte:** A autora, 2023.

Para responder os objetivos de pesquisa, buscou-se investigar e compreender a presença, quando existente, das diferentes formas de violência no discurso das professoras de ensino superior; revelar as principais condições às quais as professoras de ensino superior estão submetidas, considerando as diferentes violências sofridas; e demonstrar, por meio dos dados coletados, o modus operandi das violências cometidas contra as professoras de ensino superior. Ao explorar essas questões, foi possível identificar padrões sistêmicos, compreender as nuances das experiências vivenciadas e fomentar uma reflexão crítica sobre os desafios específicos enfrentados pelas mulheres em suas trajetórias profissionais.

Atualmente, as mulheres estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho, mas a garantia de seus direitos e as possíveis disparidades entre homens e mulheres no ambiente profissional suscitam questionamentos. Portanto, na análise final, notou-se a presença significativa e diversificada de formas de violência no discurso das professoras de ensino superior. As categorias finais agrupam-se em torno de temas amplos, mas que permitem uma compreensão específica dos desafios enfrentados pelas professoras.

Ao buscar investigar e compreender a presença das diferentes formas de violência, foi possível identificar nas narrativas das professoras (P1 à P6) as diversas formas de violência de gênero presentes no ambiente acadêmico. A identificação de casos de assédio moral, assédio sexual, manterrupting, bropropriating, discriminação de gênero e estereótipos demonstram a complexidade e a amplitude dessas violências.

Propondo revelar as principais condições às quais as professoras estão submetidas, verificou-se que além das violências consideradas explícitas, as professoras também lidam com desigualdades estruturais, pressões relacionadas à maternidade e estigmatização de escolhas relacionadas ao equilíbrio entre carreira e vida pessoal. Conforme Saffioti (2015) traz, a desigualdade de gênero não se manifesta apenas em ambientes de trabalho, mas também nas esferas pessoais, contribuindo para a sobrecarga e desafios enfrentados pelas mulheres ao equilibrarem suas carreiras e responsabilidades domésticas.

Ao abordar o estigma associado à maternidade e discriminação de gênero relacionada à gravidez, a autora Lina Meruane (2018), fornece um entendimento

histórico das responsabilidades entre os papéis de gênero, a imposição de papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres como mães cuidadoras, enquanto os homens são valorizados por suas contribuições intelectuais e criativas. Assim entende-se que existem expectativas desproporcionais e disparidades de tratamento baseadas no gênero que geram sobrecarga e desafios significativos.

Por fim, demonstrar, por meio dos dados coletados, o *modus operandi* das violências cometidas contra as professoras. Evidenciou-se alguns padrões sistêmicos, onde a hierarquia de poder na academia é frequentemente explorada para perpetrar violências. O conceito de *maninterrupting*, foi evidenciado em diversos discursos das docentes, assim buscou-se o suporte em Solnit (2017), que explora detalhadamente o termo e analisa as interrupções sistemáticas enfrentadas pelas mulheres. A referida autora discute como esses comportamentos são internalizados e reproduzidos, contribuindo para a manutenção de normas de gênero.

A naturalização de comportamentos inadequados, a minimização do assédio sob a justificativa de brincadeiras e a apropriação intelectual destacam como as dinâmicas de poder operam para perpetuar a desigualdade de gênero. Além disso, as pressões relacionadas à maternidade e a falta de suporte institucional demonstram a presença de violência institucional. Em conjunto, as categorias e subcategorias fornecem uma visão das diferentes formas de violência presentes no discurso das professoras, revelando as principais condições às quais estão submetidas e demonstrando o *modus operandi* dessas violências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra professoras no ensino superior não se limita a formas explícitas de agressão, também engloba manifestações veladas, como assédio moral e a discriminação. Ao conduzir as entrevistas, observou-se que algumas professoras já vivenciaram experiências que podem ser caracterizadas como formas de violência. No entanto, percebe-se um certo receio por parte das entrevistadas em rotular essas situações explicitamente como violência. Essa relutância em categorizar tais incidentes pode refletir a complexidade e nuances associadas às vivências dessas profissionais, indicando a necessidade de uma abordagem sensível e compreensiva ao analisar os desafios enfrentados por elas no contexto acadêmico. A pesquisa revela a presença contínua de estruturas patriarcais e atitudes machistas que permeiam a sociedade e, conseqüentemente, as instituições acadêmicas. O patriarcado, influencia as dinâmicas de poder e as relações de gênero dentro do ambiente acadêmico, o que se traduz em desigualdades e violências direcionadas às professoras. O machismo se manifesta por meio de atitudes discriminatórias,

estereotipadas e preconceituosas, que desvalorizam o trabalho e as habilidades das mulheres no ensino superior. A cultura misógina também contribui para a violência contra professoras, normalizando comportamentos e atitudes que desvalorizam e restringem suas possibilidades de crescimento profissional.

Os dados revelam a urgência de abordar as questões de gênero no ambiente acadêmico. As professoras enfrentam não apenas desafios profissionais, mas também lutam contra estruturas de desigualdade e discriminação. As soluções propostas devem buscar transformações estruturais que promovam a equidade de gênero, reconhecendo e desafiando as normas que perpetuam a violência contra as mulheres na academia. Portanto, é necessário que sejam adotadas políticas de combate à violência de gênero, a conscientização sobre o impacto do machismo e a implementação de mecanismos efetivos para lidar com casos de violência e discriminação.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N.A. **Violência Doméstica na Infância e na Adolescência**, SP, Robe, 1995.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.

CARVALHO, C. S; FERREIRA, D. N; SANTOS, M. K. R. **Analisando a Lei Maria da Penha: a violência sexual contra a mulher cometida por seu companheiro**, 2010.

CUNHA, B. M. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero**, 2014.

DEL PRIORE, M. **Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011, p. 254.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MAINARDES, J. A pesquisa no campo da política educacional: perspectivas teórico-epistemológicas e o lugar do pluralismo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-20, 2018.

MORAES, R; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência educ.** [online]. 2006, vol.12, n.01, pp.117-128. ISSN 1516-7313.

MOREIRA, M. A. Linguagem e aprendizagem significativa. **Conferência de encerramento do IV Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa**, Maragogi, AL, Brasil, 8 a 12 de setembro de 2003.

MOVIMENTO MULHER 360 - MOVIMENTO EMPRESARIAL PELO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA MULHER. **Glossário Antimachista**-[Ebook 10]. 2021.

RAIMONDO, M, L. **O Corpo Feminino invadido**: as marcas da violência sexual desveladas pela enfermeira. 2015. Doutorado em Enfermagem - Universidade Federal do Paraná.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu.** (16), 2001, p. 115-136.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010. 135 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOLNIT, Rebecca . **Os homens explicam tudo para mim**. Trad. de Isa Mara Lando. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.